



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

*Do terreiro da  
choupana*



Francisco Ednildo Andrade da Silva  
(Autor)

# *Do terreiro da choupana*



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o  
Desenvolvimento do Estado do Ceará

Fortaleza - Ceará  
2018

Copyright © 2018 by INESP

Coordenação Editorial

**Thiago Campêlo Nogueira**

Assistente Editorial

**Andréa Melo**

Diagramação

**Mario Giffoni**

Capa

José Gotardo Filho

Revisão

**Lucia Jacó e Vânia Soares**

Coordenação de impressão

**Ernandes do Carmo**

Impressão e Acabamento

**inesp**

**Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará**

**VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS**

Catalogado na Fonte por: Daniele Souza do Nascimento CRB-3/1023

S586t Silva, Francisco Edmildo Andrade da.

Do terreiro da chopana / Francisco Edmildo  
Andrade da Silva. - Fortaleza: INESP, 2018.

96p. ; 21 cm.

ISBN:

1. Poesia. I. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto  
de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do  
Estado II. Título.

CDD 869.1

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,  
desde que citados autores e fontes.

**INESP**

Av. Desembargador Moreira, 2807

Ed. Senador César Cals de Oliveira, 1º andar

Dionísio Torres

CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil

Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707

al.ce.gov.br/inesp

inesp@al.ce.gov.br

## Apresentação

Se as palavras funcionam como uma ponte entre o homem e o mundo, os poemas colaboram para a construção do nosso potencial de reflexão sobre este mundo. Os melódicos poemas Mandacaru, Herança, Botija, Estro sertanejo, No pé da ladeira, Bico-de-prata, Retirante, Do oitão da tapera, Tristeza urbana, talvez os mais representativos desta obra, estão repletos de sinceridade e arte e traduzem a sensibilidade estética de um grande escritor.

Francisco Ednildo Andrade da Silva é cearense, de Brejo Santo, historiador, escritor e poeta. Detentor de um vasto poder de criação. Das inspirações de onde saíram este Do Terreiro da Choupana, também brotaram: Terral: as pegadas do poema na Caatinga; Entrudo; Reflexões da insônia; Esquinas, amores e boêmios; Os boêmios e a musa madrugada; Inspirações do pé da serra; A Gleba lírica; Sessenta sonetos sobre Jesus de Nazaré. Contudo, a grande maioria de suas obras ainda está aguardando publicação.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, disponibiliza, orgulhosamente, este livro com o desejo de que o leitor se encontre na profundidade e na beleza dessa linguagem literária repleta de personalidade e que precisa, urgentemente, encontrar seus adeptos.

Deputado José Albuquerque  
Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará



# Prefácio

As palavras, dispostas de forma inteligente, no espaço em branco do papel, instigam- nos a interpretá-las com diversas representações. Neste livro, elas formam uma obra claramente inspirada na zona rural. Uma obra forte e marcante sobre a verdade de quem viveu a realidade do sertão, seco ou molhado.

Do Terreiro da Choupana é um retrato comovente sobre o universo sertanejo. Seu autor é historiador e poeta, mas, antes, sertanejo. Foi impregnado com essa vivência que Francisco Ednildo Andrade da Silva nos contou com muita melodia o que viveu durante sua infância num terreiro de choupana. O profundo sentido de cada expressão que usou aqui nos abre as portas para um mundo vasto e impactante.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, buscando sempre, por meio do material produzido pelo Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, disponibiliza obras que possibilitam a ampliação das visões de mundo e entrega à sociedade cearense o consistente trabalho deste Do Terreiro da Choupana.

Thiago Campêlo Nogueira  
Presidente do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o  
Desenvolvimento do Estado do Ceará



# Sumário

Apresentação .....	5
Prefácio .....	7
Sumário .....	9
Musa .....	11
Percurso .....	12
Corrupião .....	13
Enxada .....	14
Oratório .....	15
Cópula.....	16
Vassoura.....	17
Cruzeiro.....	18
Relha.....	19
Relicário .....	20
Cadela.....	21
Mandacarú.....	22
Bule .....	23
Cancela.....	24
Poleiro.....	25
Trovões.....	26
Italianas.....	27
Rapadura.....	28
Literatura de cordel.....	29
Herança .....	30
Botija .....	31
Casamento da raposa.....	32
Borboletas.....	33
Veredas.....	34
Baú.....	35
Estro sertanejo.....	36
Angu .....	37
De taipa.....	38
No pé da ladeira.....	39
Bico-de-prata.....	40
Utopia dos espantalhos .....	41
De Maria .....	42
Presságio.....	43
Retirante.....	44
Ternura .....	45
Caminhos.....	46
Do oitão da tapera.....	47
Porteira.....	48
Rebanho.....	49
Tristeza urbana.....	50

Pão de milho.....	51
Êxodo.....	52
Funda.....	53
Nascente.....	54
Aboio.....	55
Moinho.....	56
Pilão.....	57
Cabaça.....	58
Juriti.....	59
Nambu (Lambu).....	60
Caco de barro.....	61
Rolinha.....	62
Panela de barro.....	63
Jurema.....	64
Córrego.....	65
Candeeiro.....	66
Êxodo.....	67
De menino.....	68
Veredas (II).....	69
Curral.....	70
Nublado.....	71
Batente da janela.....	72
Ruminante.....	73
Tabaréu.....	74
Latada.....	75
Presságio.....	76
São José.....	77
Sumisso.....	78
Amanhecer.....	79
Domíngo.....	80
PAISAGEM.....	81
Capoeira.....	82
Cerca.....	83
Cuía.....	84
No início.....	85
Poeira.....	86
Seríquelas.....	87
Mais um poema.....	88
Vaqueiro.....	89
Saudoso.....	90
Versos Rurais.....	91
Tangerino.....	92
Tangerino (II).....	93
Meu Poema.....	94
Biografia.....	96

# Musa

Sobrevivem em poemas de léguas de horizontes  
Um tempo de pastos,  
De colinas e currais  
E lendas noturnas  
Contadas no terreiro da choupana.

Sobrevivem, nas entranhas da inspiração, as redes na varanda,  
Os feixes de lenha atrás da porta da cozinha  
E um roçado verde.

Resistem insistentemente em poesias memoriais  
Um asno teimoso,  
Um touro amarrado no mourão,  
Uns garrotes mansos  
E ninhos de sabiás nas mangueiras.

Habita em versos campestres  
A saudade das manhãs de orvalho e do cheiro do mato  
Na foíce cortante da fértil utopia.

## *Percurso*

*Seis pegadas no sertão  
De secas e de rios temporários,  
De tabuleiros e infâncias históricas,  
Que existem entre lendas e livros não publicados.  
Refazem o percurso da antiguidade  
Pelo solo rachado do poema em sol a pino  
E de arapucas espalhadas pela imensidão da caatinga ingênua.*



# *Corrupção*

*O cântico das mangas furadas  
E das extensas e pacatas tardes de melodias e sombras  
Das cabaças e dos juazeiros baixio acima  
Ecoa insistente na solidão das lembranças  
E das brejeiras taperas da infância.*



# Enxada

...O ferro cortava a capa da terra  
De matos e minhocas férteis,  
Na extensão fagueira e promissora  
De milharais e feijoeiros  
Entre goteiras de nuvens  
Que teimavam divinamente em irrigar  
Os hectares da esperança dos chapéus de palha.



# Oratório

*Ancestral caixa de madeira  
De santos e preces,  
De novenas e invernos,  
De anos de promessas  
No canto da varanda,  
Que tanto testemunhou  
A crença catíngueira  
De vozes e cânticos  
Acariciando as grisalhas madeixas de Deus.*

## *Cópula*

*Os jerímuns sepultados nos jazigos da memória  
Amamentam a saudade precoce da solidão em forma de poesia,  
De soluços e terreiros  
Do tempo em que a ternura comia milho verde,  
E fazia amor com a campina em período fértil.*



## Vassoura

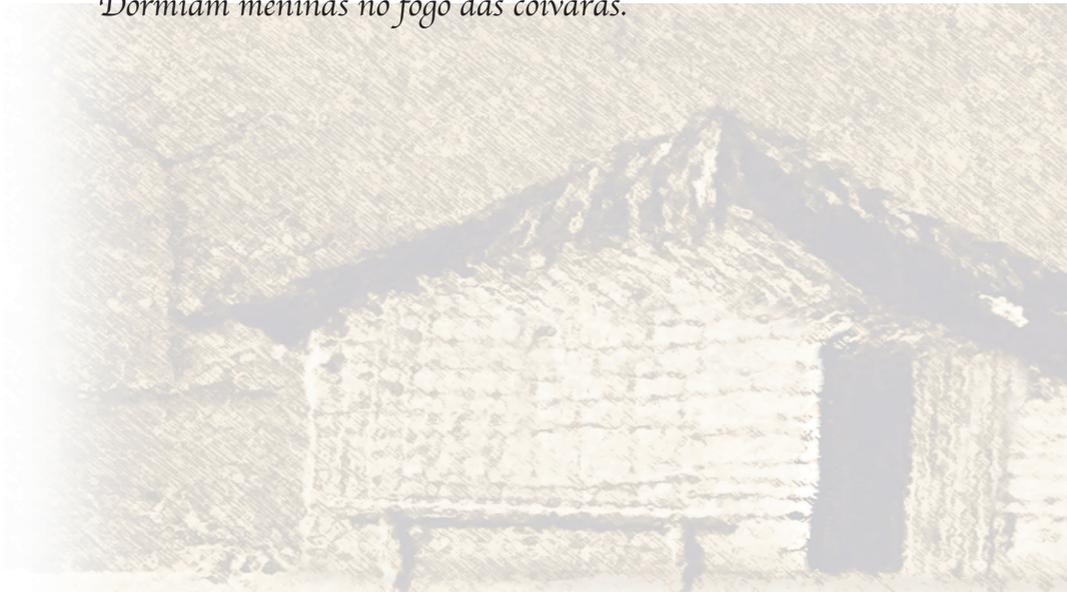
*...E o terreiro era varrido pela mania de limpeza caipira,  
Expulsando caprinas e galináceas sujeiras,  
E intrusos esterco da vizinhança ruminante  
Tangidos inutilmente pela enorme vassoura artesanal  
Nas línguas compridas das manhãs mexeriqueiras.*



## *Cruzeiro*

*Acendiam-se promessas no cruzeiro da serra  
Pelos dedos beatos da senhora da tapera.  
Trovoavam nos milharais da fé  
As esperanças penitentes dos baixios  
Que preparavam para os brotos campineiros  
As lágrimas fecundas do céu nublado.*

*Acendia-se a crença nos pendões da tarde  
E pluviosas sensações de brisa  
De inúmeras orações que, ao transpor do dia,  
Dormiam meninas no fogo das coívaras.*



## *Relha*

*Arava-se o solo dos hectares da promessa.*

*Aravam-se sulcos dispersos nos baixios da esperança.*

*Arava-se a avidez das preces feitas*

*De ex-votos depositados no oratório da varanda.*

*Aravam-se colheitas proféticas nas tripas das chuvas desejadas*

*Premeditadas pelas mãos necessitadas da fé*

*No úmido massapé planejado*

*Pelas orações beatas dos feijoeiros sexagenários.*



## Relicário

Um poema nascido de quadra invernososa e de reminiscência,  
Cravado em um tempo de deliciosas distâncias  
De milharaís e feijoeiros verdes ao sol nascente,  
Na largura e na inocência da felicidade...

Um poema de mãos dadas com a revoada  
De passarinhos buliçosos nos capins,  
De arapucas,  
De pescarias,  
De caçadas,  
De límpidas águas jorradas ao pé da serra.

Um poema, por fim,

Concebido no nascente das primeiras chuvas do inverno da  
infância.

## *Cadela*

*Magra irracionalidade dos tabuleiros da fome,  
Miséria canina das capoeiras do meio-dia.*

*Ossuda caçada de preás escondidos,  
Nos longos corredores dos finais de tarde.  
Latidos de ternura na volta da cidade,  
Avisos de ameaça noturna ao poleiro das galinhas.*

*Companhia fiel no caminho da roça,  
Retrato emblemático do martírio da seca  
Vencido, a ossos contados, na latada da morada.*

## *Mandacaru*

*Poesia dos lajedos,  
De pedras encrespadas na distância das veredas  
Das três casas de tijolos abandonadas no alto da serra.*

*Eis que de longe, na terceira delas,  
Avistava-se o general daquele abandono  
Vigiando de pé, logo de entrada,  
A erma simbologia da inegável fuga,  
De galhos e de espinhos inertes  
No silêncio penitente da infertilidade.*



## *Bule*

*O cheiro de café encantava o olfato da poesia das manhãs,  
Da varanda e da mesa de madeira,  
Das cadeiras de couro  
E do terreiro da cozinha,  
Junto ao curral úmido do gado leiteiro.*

*Pelo batente da porta da sala vinha um bule de porcelana  
Seguro pelas trêmulas mãos matinais  
Que ainda hoje servem o mesmo pó roceiro  
Ao pé da porta de São Pedro.*

## *Cancela*

*Na cancela ficaram registros  
De pedestres passagens de mendígos que se foram  
E de histórias das varandas.*

*De costas para as juremas cinzentas,  
Ficaram premonições rachadas  
De riachos sem vida e visagens visionárias  
De pastos de fome e pegadas magérrimas  
Das caveiras ruminantes a berros de sede.*



## *Poleiro*

*As galinhas eram poucas*

*(O milho diminuto encarecia a criação galinácea).*

*Os gatos e as raposas eram frequentes:*

*De noite, do terreiro, ecoavam-se os tiros de espingarda.*

*(A munição tornava ainda mais improdutiva a pecuária das  
asas).*

*A seca já se tornara vizinha:*

*Não sobraria uma só cabeça.*

*O terreiro passaria a ser um triste cenário vazio*

*De madrugada de poleiro mudo sem o cantar do galo.*

## Trovões

*Estremeciam-se as panelas do aparador  
Perante a confirmação das rezas e das preces  
Feitas no oratório da varanda.*

*Estremecia-se o chão batido da latada,  
O lampião apagado  
E a trempe do fogão  
Sob os rancos gabolas de janeiro.*

*Estremecia de felicidade o coração do casebre,  
Entre agradecimentos e sorrisos  
Diante das vozes promissoras do céu.*



# *Italianas*

*No fim da tarde de um sábado de lonjuras,  
Uma alma agrícola brada a palavrões zangados à molecada  
De cima de um toco oco e deitado  
Nas moitas do monturo da tapera.*

*É uma embaçada imagem do passado  
Com um cupinzeiro em fumaças,  
Tentando afugentar uma colmeia de italianas  
Com doloridas ferroadas na pele catingueira,  
Buscando no favo a recompensa da labuta,  
O mel do suor nas vasilhas encardidas.*

# Rapadura

Rapadura preta e doce do meio da feira,  
Dos engenhos madrugadores  
E dos amplos canaviais  
Que enverdeciam os baixios  
E pendoavam a paisagem.

Rapadura preta e doce,  
Nos caçuás dos burros tangidos  
Pelas veredas íngremes das quebradas,  
Na solidão noturna das estradas  
Dos tangerinos e almocreves até o romper da aurora,  
Para adocicar os paladares pobres  
Nas cozinhas escuras das taperas de taipa.

## *Literatura de cordel*

*As histórias vinham da feira,  
Com o cheiro da feira,  
Nos livros da feira,  
De versos pendurados em cordões  
Vendidos por um senhor...*

*...Versos do canção,  
Da seca,  
Das lendas e folclores jecas,  
Povoadores da cultura roceira  
Lidos nos terreiros dos casebres,  
Construtores de fantasias e romances  
Lapidados pela ingênua riqueza fictícia da molecada sertaneja.*

## Herança

*Assim era a matuta menínice,  
Cheia de brinquedos artesanais de meio de feira,  
De cabanas construídas no monturo da tapera  
E de valores moralistas e familiares  
Que se perderam na evolução dos tempos.*

*Infância campesina de ingênuas caçadas,  
Pescarias matinais,  
Velharias do terreiro,  
Banhos de rio  
E lutas de espadas de talos de milho  
Na calmaria romântica do oitão vespertino coroado de alegria,  
Vestido de coisas humildes  
E herdeiro de um tempo que traz de volta ao poema a palavra  
felicidade.*

## *Botija*

*Falava-se de aparições no umbigo da noite  
E de uma visagem fechando a porteira do curral abandonado.  
Falava-se de vozes no casebre vazio  
E de um som de pilão na madrugada solitária.*

*Falava-se de feitiços,  
De superstições,  
De tesouros escondidos.*

*Falava-se de uma botija enterrada pela extinta família  
Na varanda da casa mal-assombrada.*

## *Casamento da raposa*

*No namoro do sol com a chuva  
Brotava a esperança do milharal recém-nascido,  
Na colina da fertilidade.*

*A enxada cortava mansamente a invasão das ervas daninhas.  
A cabaca esperava na sombra do juazeiro.  
Os finos pingos molhavam o chapéu de palha  
Na tímida manhã das bodas de neblina.*



## *Borboletas*

*O estro das manhãs de orvalho  
Da embebida e fecunda campina,  
Da comprida faixa verdejante vista do terreiro  
Com três delgadas imagens petizes,  
Tocando as reses rumo à invernada,  
Balançando os capins do cercado gordo,  
Colorindo a matina de asas agitadas  
De lagartas convertidas em beleza.*



## *Veredas*

*Os meninos apanhavam maravilhas no ermo da caatinga  
vesperal.*

*As mulheres levavam o almoço rudimentar  
Em porta-comidas amarrados com guardanapos  
Para os trabalhadores na roça do alto.*

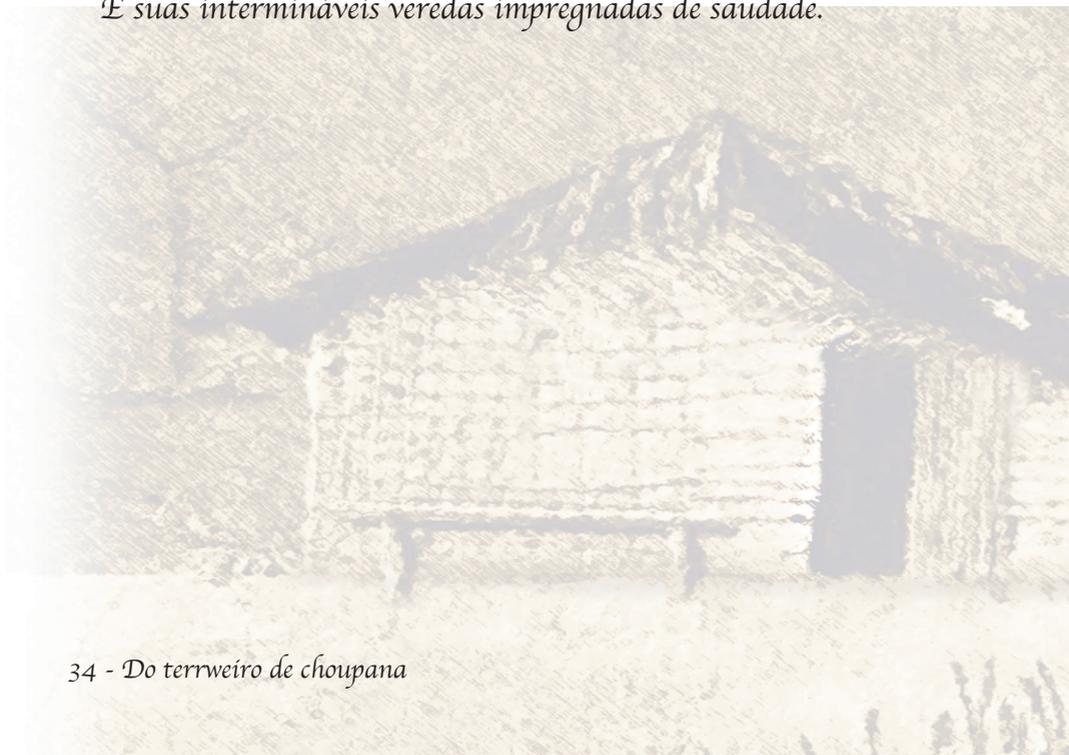
*...Dois transeuntes bêbados voltavam da cidade.*

*...A poesia brotava da solidão do meio da estrada*

*À sombra dos angicos enrugados*

*Que perpetuavam a paisagem roceira*

*E suas intermináveis veredas impregnadas de saudade.*



## *Baú*

*Velho baú da camarinha de taípa,  
Recipiente das rusticidades roceiras:  
As tangas de dormir,  
As redes recuperadas cheirosas a sabão de pedra,  
As vestes matutas,  
As intimidades e as roupas diárias,  
O perfume forte,  
O baralho,  
O dominó...*

*Pela boca da noite,  
Sob a luz do candeeiro,  
A velha organizava a dormida do casebre,  
Enquanto as visitas mexeriqueiras  
Tomavam café e jogavam no terreiro.*

*Velho baú,  
Velho arquivo da memória sem fim,  
No canto do quarto escuro da morada camponesa  
Feito pobre milionário testamento.*

## *Estro sertanejo*

*O silêncio do fim da tarde era vencido pela anfíbia sinfonia.  
O tínir ruminante e indolente rompia o vazio demográfico da  
campina  
E se chocava com o choro lento e manso da peitica.*

*Os violeiros pelo rádio a pilha de mesa embalavam a iguaria  
desnutrida do jantar.*

*Os candeeiros eram acesos*

*E as cadeiras de couro eram postas no terreiro à luz da lua,  
Na beira da estrada que se foi para não voltar.*



# Angu

No prato do poema ainda habita a frugal iguaria amarela,  
Filha do roçado,  
Vinda da cozinha escura,  
Da cuiá e do moinho das madrugadas,  
Do sílo e do cabo da enxada  
Com as dores da esperança  
Das relíquias pluviométricas do céu sertanejo.



## *De taipa*

*É outro poema  
De uma distância infinita  
E de um casebre grotesco.*

*É mais um poema faminto  
A devorar o angu  
Na porcelana da miséria,  
No almoço pouco das paredes pensas,  
Sustentadas pelas forquilhas da carência  
Nos vãos raquíticos da tarde camponesa.*



## *No pé da ladeira*

*No pé da ladeira existiam lajedos  
E córregos ligeiros e depositários  
No fundo do açude relicário.*

*No pé da ladeira havia alçapões  
E ninhos compenetrados na largura das reproduções tímidas.*

*No pé da ladeira brotavam esperanças  
De feijoeiros e milharais  
Em úmidos orvalhos mancomunados com a fertilidade invernosa.*

*No pé da ladeira jorravam nascentes  
E orquestras de anuros noturnos  
Que entonavam, em diferentes notas, a canção brejeira da  
fartura.*

## *Bico-de-prata*

*A gaiola de talas de carnaúba e palitos de palha de coqueiro,  
Arquitetada em cumeeira,  
Prendia as notas finas do pequeno bico-de-prata  
Na cabeça da estaca matinal de alçapões armados,  
De cânticos e de chamados ardilosos,  
De tramas e de tostões feirantes  
Promovidos pelas asas da beleza catíngueira.*



## *Utopia dos espantalhos*

*Natal sertanejo das patacas furadas,  
Dos moleques magérrimos e amarelos  
(Os anêmicos sonhos deslumbrados com as quinquilharias da  
feira livre).*

*Na véspera do Menino de Belém,  
Uma face escaveirada na feira livre  
Procurava por mimos rústicos.  
Artesanais ou quebradiços,  
Os presentinhos pobres fariam a festa inocente do casebre,  
Povoariam as imensas veredas das peraltices roceiras  
E dariam vida à infinda utopia dos pequenos espantalhos  
cabeçudos.*

## *De Maria*

*A fumaça das coívaras esperançosas fazia correr água dos olhos.  
O tabaréu estava feliz no seu pequeno pedaço de promessa em  
chamas:*

*Metade da safra,  
Metade do verde,  
Fim dos percalços das desilusões secas.*

*A tristeza não mais habitaria a campina  
E o pequeno asno ficaria cansado de arar as esperanças  
campineiras.*

*...O fantasma da fome seria saciado,  
Os dias de feira seriam de longas farturas  
E a tapera da devoção abriria as suas sacras portas  
Para o novenário do coração da Mãe de Deus.*

## *Presságio*

*O fundo do pote implorava por um gole de água.*

*O cruzeirinho da serra enchia-se de ex-votos imediatistas.*

*Ao pé da mesa do sacro oratório,*

*As vozes analfabetas e desafinadas*

*Ecoavam benditos na boca voraz da noite.*

*As profecias matutas buscavam minimizar a distância pluviosa.*

*E a ausente cantiga dos sapos*

*Fortalecia lento e cada vez mais*

*A premonição sombria da acauã.*



## *Retirante*

*A capoeira chorava brasas no torrão ressequido da tapera  
abandonada.*

*Na latada da solidão*

*Jazia um pote seco e umas poucas ferramentas enferrujadas.*

*O ouro verde do inverno*

*Tornara-se uma paisagem solitária de pelas fugas e pelos  
presságios desalmados.*

*A caatinga vira esvaírem-se as esperanças das rezas sem  
respostas*

*E uma multidão de ilusões delgadas*

*Suprimia as esperanças pedintes de uma fartura inexistente*

*Na sentença prematura do carrasco e do flagelo.*

# *Ternura*

*Era uma vez um casebre de cinco vãos,  
De cinco almas felizes,  
No alto de uma topografia esperançosa.*

*Era uma vez um curral penso  
De umas poucas alegrias ruminantes.  
Era uma vez uma cadela.  
Era uma vez um poleiro de galinhas  
(Era uma vez umas ladinas raposas querendo devorá-las).*

*Era uma vez três pés de seriguelas  
E uma gorda lembrança  
Assando espigas de milho nas brasas do fogão à lenha.*

*Era uma vez uma capoeira de algodão  
E uma cheia levando tudo pela frente  
No rico inverno de abril...*

*Era uma vez uma poesia,  
Era uma vez uma saudade.*

## Camínhos

*Um preá esconde-se na moita de um poema.  
Uma panela de canjica adocica a ternura da saudade  
Em mais uma tarde de distâncias...*

*Os alçapões permanecem armados nas cabeças das estacas  
(Armadilhas inúteis contra as velhacas presas campineiras).*

*As três sombras infantís ainda pescam  
No pequeno riacho da velha paisagem.*

*...E a lembrança do que era e não é mais  
Desembesta na teimosia do asno,  
No cangote de um dia que se foi.*

## *Do oitão da tapera*

*Os meninos soltavam pneus do alto do morro.  
O almocreve tangia os burros de volta da cidade.  
Os agricultores queimavam coívaras ao longo da calmaria do  
baixio  
(A chuva vinda fina ameaçava apagá-las).*

*...O cheiro de malassada perfumava o terreiro.  
A cadela recebia os vizinhos com latidos de boas-vindas.  
As conversas eram de córregos e rios,  
Ignorando as cercas das extremas do futuro.*

## *Porteira*

*A porteira do curral penso permanece,  
Às duas da tarde  
Em sua lída vespertina,  
Espionando a imensidão do abandono catíngueiro,  
À espera do aboio penoso,  
Dos meninos vaqueiros,  
\Dos bezerros teimosos  
E das reses mansas  
Que nunca mais virão.*



## *Rebanho*

*As quadrúpedes misérias ruminantes  
Sustentavam as ossudas realidades tangidas  
Pelas veredas escaldantes do sofrimento.*

*Ladeira abaixo  
Carregavam chocalhos pesados e lentos  
Rumo ao oásis enlameado do raquítico pé de serra  
Comovido pelos mugidos lamuriosos das vozes da seca.*



## *Tristeza urbana*

*As comidas de milho verde foram esquecidas na barriga de abril.  
Nunca mais as mãos morenas assaram espigas.  
As pamonhas desapareceram com as palhas da amnésia  
E a canjica da lembrança foi devorada pela fome  
Das sumidas bocas de outrora...*

*Até o casebre sumiu  
Com a enorme panela de milho cozido,  
Deixando os antigos retirantes apenas com os olfatos traídos  
E perdidos na multidão da caatinga de concreto  
E de asfalto do presente.*



## *Pão de milho*

*Na cuia da memória, dorme de molho o milho da madrugada.*

*Posta no pilão,*

*Coberta com a peneira enferrujada,*

*Ela umedece o pão do café matinal.*

*No fogão de lenha da cozinha escura*

*Com todas as suas panelas de barro*

*E toda a sua desordem de cacarias*

*Os idosos gemidos no borralho ainda se põem a preparar o pão de milho*

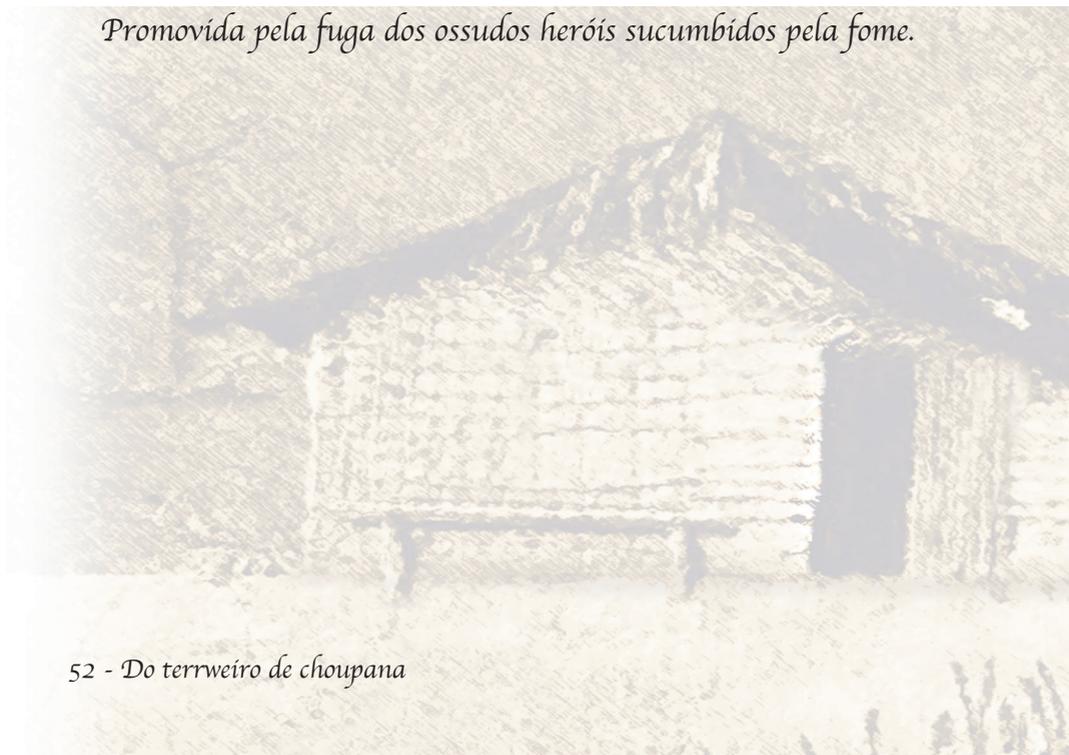
*Para encher novamente a barriga do poema.*

## Êxodo

*A multidão do flagelo peregrinava pelas estradas das paisagens mortas,  
No percalço das ilusões impossíveis pelos oásis imaginários.*

*Bem longe, a serra cinzenta engolia a esperança dos retirantes famintos  
Que competiam desesperados pela humilhação das esmolas.*

*Uma prole de mendigos em fuga promovia saques na feira,  
A caatinga do abandono  
Era a mais profunda e absoluta comoção do semiárido,  
Promovida pela fuga dos ossudos heróis sucumbidos pela fome.*



## *Funda*

*Giravam-se pedras na rizicultura  
Pelas mãos dos moleques sujos do alvorecer,  
Em direções errantes pelo córrego das asas invasoras  
Na lagoa da promessa verdejante.*

*Giravam-se esperanças pelo arroz  
E pelas nubladas nuvens da infância...  
E os gritos agudos dos magérrimos maltrapilhos  
Eternizariam poemas para as gerações futuras.*



## *Nascente*

*O olhar teimoso do oitão analfabeto mirava o oriente em brasas  
Na miragem das chuvas e dos córregos enchedores,  
Das cacimbas abarrotadas,  
Dos açudes sangrando  
E do riacho de enchentes raptadoras de cancelas e cercas,  
De porcos e reses,  
Lacrimejando a esperança da ossuda pobreza.*



## *Aboio*

*Maís um poema desbotado, no varal matuto do alto do curral,  
Aboia solitário a ecoar a dor antiga do abandono da terra  
Pelas ladeiras da fuga,  
Pela secura do adeus,  
Pelo couro da barriga apegado com a fome,  
Pela farinha no caçua retirante  
E pelo chapéu de couro esquecido no mourão.*



## *Moínho*

*Moíam-se milharais férteis na solidão nublada das manhãs de portas fechadas.*

*(Lá fora corria o orvalho enamorado da fotossíntese campineira).*

*Moíam-se indolentemente os amidos da refeição agrícola*

*Na cozinha das cacarias incipientes*

*Às seis horas da manhã.*

*Moíam-se as lástimas da autossuficiência analfabeta*

*E do casebre rudimentar*

*Na nostalgia simples da cuia da saudade.*



## *Pilão*

*Um poema pila os pedaços das manhãs que se foram  
Calejando as mãos da madrugada roceira  
De xeréns e galinhas  
Na imensidão do terreiro do passado,  
De chinélos de tiras trocadas nos pés,  
Vestido de chita  
E rodíilha branca na cabeça,  
Sacramentado o amanhecer saudoso  
Dos milhos e das milhas da distância.*

## *Cabaça*

*Debaixo do juazeiro descansava na roça de meio-dia  
Um recipiente de água cristalina.  
Feita de ancestralidade romântica  
Aplacaria a secura matuta  
De uns chapéus labutadores da história catíngueira,  
Enquanto nas veredas das quebradas da indigência  
Subiam com os vestidos de chita e as canelas magras  
O feijão com pão e o toucinho da miséria.*



## *Juriti*

*Cantava manso nas tardes sem fim,  
Na capoeira das paisagens ermas,  
Na boca do córrego da ladeira  
Das solitárias águas invernosas  
Das pobres pombas sepultadas nas arapucas da fome.*



## *Nambu (Lambu)*

*É só uma arapuca armada  
Na capoeira da estrada,  
Na dor do sobejo,  
No alicerce da fome.*

*É só uma arapuca...*

*É só uma arapuca renascendo da seca,  
Na fartura da miséria,  
Na lepra da insaciabilidade,  
Entre a trempe da brasa e da indigência  
Nos soluços dos gatilhos vaqueiros da inanição e da necessidade.*

## *Caco de barro*

*O fogão do casebre ainda esquentava as brasas do passado  
Das famintas manhãs arregaladas  
E das barrigas esguias dos vãos de taípa.*

*É o velho caco de barro na lenha  
Assando bolos matutos na trempe da alvorada  
Para saciar a fome agregada  
Na perfeição equilátera da simplicidade.*



## Rolinha

*Por entre as forquilhas da candura  
Estão lançadas as pedras inconsequentes no cérebro da pequena  
pomba sertaneja.*

*Não é para matar,  
Não é para errar,  
É simplesmente para arremedar  
A infância que se foi, catapultada pela tristeza da idade:  
-Fogo pagô!  
-Fogo pagô!  
-Fogo pagô!*



## *Panela de barro*

*O poema como um rudimentar e relicário recipiente fundo de argila,*

*Esquecido numa nublada tarde de inverno*

*Com sobras de comida debaixo do jirau da cozinha*

*E surrupiado pela fome da cadela*

*Nas figuras de linguagem da miséria vespertina.*



## *Jurema*

*Na sombra da jurema descansa a poesia,  
Durante a peralta caçada das pedras inofensivas  
No meio da capoeira das aventuras  
Consertando a atiradeira de lígas mortas,  
Planejando vítimas incalculáveis,  
Bebendo da cabaça do passado  
E vivendo no menino que não morre.*



## *Córrego*

*Despeja-se nos versos a frieza do pé de serra  
Em uma emissária e mansa correnteza de volta ao passado.*

*É um suave córrego à beira da estrada,  
De águas cristalinas jorradadas das pedras,  
Que viu nascer um antigo amor entre chuvas e pegadas no  
massapê  
Das memoráveis manhãs do inverno adolescente  
Que se perdeu na fantasia errante dos contos de fadas forjados  
pelas circunstâncias.*



## Candeeiro

*Era um poema de pavio, gás e chama  
Que iluminava o romance do casebre de taípa,  
Na lonjura do inverno promissor e da história distante.  
Na pequenina luz noturna, o querosene em fogo percorria os vãos  
de taípa  
Pelas trêmulas e idosas mãos de uma certa senhora  
(Da cozinha para a varanda)  
A imortalizar a frugal iguaria impregnada de miserabilidade  
resistente e teimosa.  
O candeeiro de zinco enegrecido pela fumaça ancestral  
Nunca se apagou com o sopro das eras  
E insiste em continuar aceso, além das noites das rupturas  
A iluminar pelo clarão inevitável da velhice a solidão escura da  
tapera que se foi,  
Levando em seu interior roceiro a grandeza da ternura e da  
saudade.*

# Êxodo

O esquelético retiro rompia as cancelas flagelo.

A memória aquecida pelas brasas da pobreza evocava as espigas  
banguelas

E os gorgulhos dos feijões

Que haviam ficado para trás no minifúndio da desilusão.

A fatigada viagem hesitava os passos vexados e magros.

Um formigueiro sertanejo peregrinaria pelo mundo das invasões  
mendigas

E a caatinga se imortalizaria como um imenso vazio de almas  
penadas

Extintas algures pelo desamparo pressuposto das posturas  
governamentais.

## *De menino*

*O olhar compenetrado da poesia avança pela tarde da infância  
Em uma garoa fria de fevereiro,  
A quebrar as espigas verdes da inocência.  
Totalmente menino, ele mira as calhas do velho coração roceiro  
Na cancela da memória,  
Nos suspiros da saudade  
Em mais uma longa busca,  
Na procura debalde e utópica  
Pelos dias sepultados nos jazigos dos desencontros.*



## *Veredas (II)*

*Um poema jeca retorna às veredas das manhãs dos bolos de caco  
E sobe a colina das asas famintas  
No romance das arapucas e das capoeiras,  
Perseguindo a velocidade dos preás vadios,  
Catapultando rolínhas inatingíveis,  
Fisgando lembranças nas águas ribeirinhas da meninice  
E brincando no oitão da tapera vespertina.*

## Curral

*Na janela do oitão matinal exalava o cheiro lácteo das cercas ordenhadas,*

*No alto das quebradas tabaroas*

*De suaves garoas e românticas paisagens.*

*O olfato das manhãs sentia o cheiro vaqueiro da diminuta pecuária*

*Das mansas reses que a aboios penosos seguiam calmamente para a invernada do futuro*

*E amamentariam ternamente*

*A escassez chorosa da solidão do poema.*



# *Nublado*

*Na manhã dominical,  
O vento de inverno soprava  
A nascente umidade saudosa e campesina rumo à colina  
ruminante.  
No curral das cercas pensas a identidade de sete léguas  
ordenhava a brancura madrugadora  
Para a ansiosa espera das espumas lácteas  
Que, em copos diabéticos nas mãos sujas,  
Arcoírizavam a criancice nublada do domingo roceiro  
Na doce degustação inocente dos paladares deslumbrados.*

## Batente da janela

Jamais a inspiração foi capaz de descrever a estética campineira

De morenos olhos vespertinos

E de carnudos lábios saboreando espigas de milho verde na  
varanda do casebre.

As taipas roceiras do amor alcovitavam o flerte ingênuo do  
romance primeiro

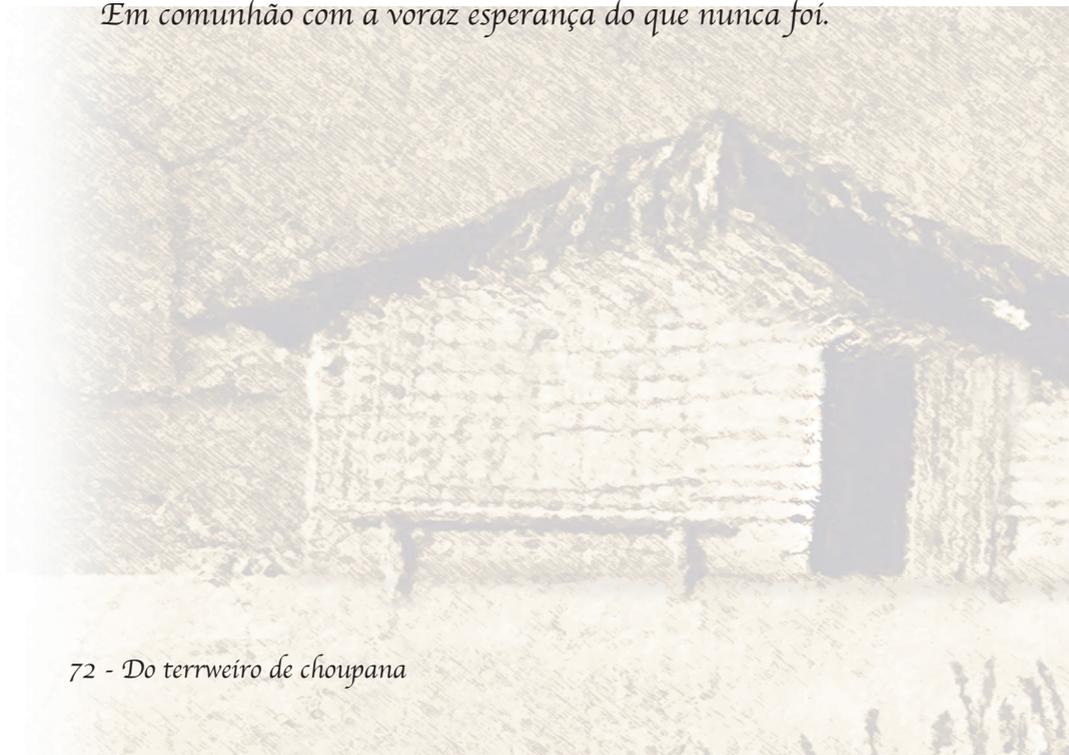
Que preconizava os primeiros hectares do sentimento

No batente da janela do oitão,

Povoando de suspiros incontáveis os degraus da idade dos sonhos  
precoces

Até o crepúsculo terminal da felicidade

Em comunhão com a voraz esperança do que nunca foi.



## *Ruminante*

*No curral da saudade, jazem campestres lembranças  
rudimentares de vacas peadas*

*Na solidão das manhãs*

*E de palavrões que reprimiam a teimosia ruminante*

*Da secura irracional das tetas.*

*Na tarde dos aboios desafinados, as reses imortalizavam a  
memória vaqueira*

*E os meninos faziam montarias nos garrotes magros*

*Pelo oitão do casebre ancestral*

*No dossiê ossudo da pobre rica infantilidade campesina.*



# Tabaréu

*As botas de sete léguas e a camisa estampada não mais figuram  
na campina de antes,*

*Nem na escarpada solidão distante das tardes nos altos da roça  
recém-nascida*

*Toda rodeada de arapucas capturadoras de nambus e juritis  
vespertinos...*

*A imagem do tabaréu desfez-se nos confins do crepúsculo das  
idades*

*No penoso aboio da miragem distante,*

*Escondida no destino da dispersão dos ausentes*

*E engolida pela poeira do coice da boiada de outrora.*



## *Latada*

*Os três potes,*

*O jirau,*

*A lata e a bacia de zinco...*

*(Uma cadela magra dormindo embaixo...).*

*Dois mãos engelçadas,*

*O pedaço de sabão comum,*

*A bucha, duas panelas de barro, as colheres e três conchas,*

*Os pratos de porcelana e as sobras do almoço...*

*(Os meninos aperreando).*

*A latada de palha virou poesia e ainda respira imortalizada*

*Na memória roceira da choupana do misere.*

## Presságio

*As arribações invadiam os bebedouros salobros da miséria  
Na secura aperreada do sol em brasas.*

*A proliferação do flagelo lotava as encostas das serras de  
cadáveres de reses,*

*Tombadas pela tristeza miserável da fome e da sede...*

*O verde desaparecera engolido pelo calor da indigência.*

*Os moradores fugiriam pela estrada tenebrosa do desespero  
numa viagem forçada,*

*Fadada e perdida*

*Pelo mundo imenso dos ossudos espantalhos sem eira nem beira.*



## *São José*

*Chuva que não vinha.*

*Ceará das grotas enxutas e das acauãs agourentas,*

*Das serras de chumbo e dos solos famintos e inférteis.*

*A tradição devota solucionária*

*(A fé das novenas e das procissões padroeiras).*

*Incontáveis cânticos nas minúsculas capelas*

*E terços rezados nos inúmeros oratórios matutos umedeceriam a  
secura dos rachões da lama.*

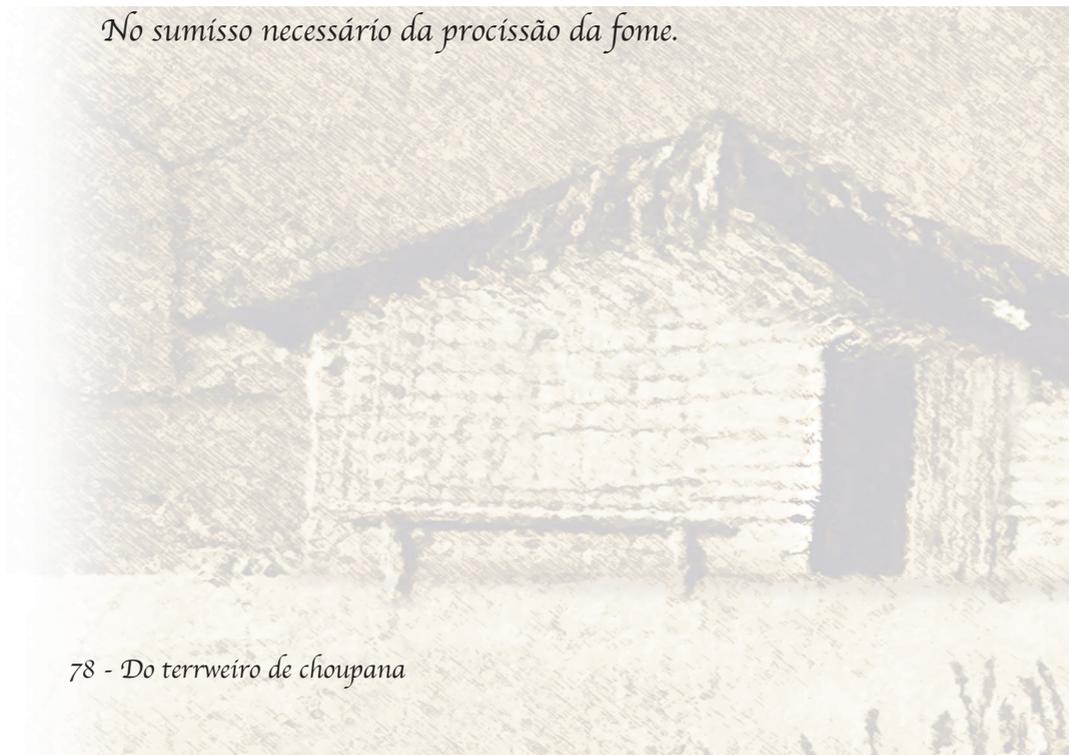
*As lágrimas celestes cairiam*

*E as promessas seriam finalmente pagas*

*Na romaria da beatice esquelética e esperançosa de março.*

## Sumisso

Nos arquivos perdidos da caatinga seca  
Desperta mais um poema feito de estio e fuga pelas veredas das  
paisagens mortas  
Em busca do paradeiro da família pobre  
Disparada pelo mundo feito cão sem dono.  
Na sua viagem penosa e retirante,  
Ficaram lembranças da terra prometida  
E uma busca incansável de ares diferentes, com as trouxas de  
roupa nas cabeças  
E esguias barrigas de espera,  
Com ossudas promessas de guarida  
No sumisso necessário da procissão da fome.



## *Amanhecer*

*De manhã o poema procura pelo curral da pequena colina  
E sente o mesmo vento a balançar os galhos dos algodoeiros.  
Na cozinha, o chá de erva-cidreira,  
O bolo de caco  
E o leite na panela de barro,  
Ainda esperam a rusticidade do vaqueiro e dos meninos  
Num ato perplexo de memória e de ternura,  
Vestido de orvalhos e milharais  
Na topografia inatingível da saudade.*

# Domíngo

*Trêmula, a mão varria os borralhos do fogão à lenha*

*Na manhã nascente da remota miséria.*

*Apressado e encardido o vestido de chita alimentava as galinhas  
no terreiro da tapera*

*(As galinhas renderiam alguns tostões na feira livre).*

*... E botava querosene no fogo,*

*E abanava...*

*As chamas de abril não queriam inflamar:*

*- Diacho! Quem deixou a lenha dormir no sereno?!*

*Com paciência de Jó levava as mãos aos quartos...*

*(Seria mais um dia de família do patrão).*

*... Outro domíngo! Outro domíngo!*

*Mais um domíngo "feliz" de madrugadores gemidos borralheiros.*

# PAISAGEM

*A paisagem devorava o início da história e fitava os casebres na manhã isolada.*

*E fitava os casebres na manhã isolada,*

*As panelas de barro cozinhavam as migalhas das famílias*

*E os juazeiros aliviavam as brasas do meio-dia.*

*O espelho do riacho refletia a idade minoritária da molecada roceira.*

*... As asas invasoras desengatilhavam os presídios da astuta infantilidade*

*E eram sepultadas na voraz fome do fim da tarde.*

*... As roceiras cantavam os primeiros amores em versos singelos a caminho da cacimba.*

*... E uma visionária testemunha guardaria tudo*

*Para um tempo sem memória ouvir falar.*

## Capoeira

*A capoeira estremecia na caatinga da novena,*

*Na Ave-Maria da procissão da fome*

*Pelas estradas dos preás retirantes*

*E das juritis aprisionadas entre as varetas da sede das visagens  
avoantes...*

*Pelas escassas bênçãos secas e pelas pedintes inspirações  
esfomeadas*

*Caíam nos fojos preces malogradas e devotas*

*E na goela estranha da matina*

*As pobrezas remendadas prendíam asas inocentes nos alçapões  
dos xeréns e dos alpistes*

*Num dia qualquer de fevereiro.*



## *Cerca*

*A cerca sumia morro acima  
Nas veredas tangidas do começo da tarde  
Pela paisagem retorcida da caatinga seca,  
Nos longos olhares dos jecas assombrados.  
No aperreio penso das estacas tortas e podres,  
Os tabaréus consertavam o desapego dos arames enferrujados  
Que cuspiam a velha insegurança desavergonhada dos grampos  
fugitivos  
Pelás tetas vazias do massapé da miséria.*



## *Cuíá*

*Na cuía vazia da esperança dormia o pesadelo da fome  
catíngueira.*

*(Os moradores arregalavam os olhos famintos perante aquele  
pedaço de cabaça indigente).*

*As sombras cabeçudas, ao pé candeeiro,*

*Resmungavam suores em vão*

*E rogavam pela extinção da segura malvada*

*Que despejava escassez naquele recipiente esmoler*

*E bradava balbucios agourentos*

*Na infertilidade da noite pedinte.*



## *No início*

*No início eram apenas veredas estranhas,  
Uma caatinga fechada,  
Uma velha mangueira  
E um casebre caindo aos pedaços.  
No início era apenas um minifúndio de abandono,  
Uma deserta esperança,  
Uns juazeiros de sombra  
E uma cacimba abandonada...  
No início não passava de presságios,  
De abrigos distantes e inacessíveis  
Das epopeias do cangaço,  
Ou ermos esconderijos de calangos e preás nativistas...  
Depois ultrapassou utopias,  
Virou lugar de moleques e farturas  
E chegou a encher tanto a barriga  
Que ainda hoje vomita sobejos na bacia pedinte do poema.*

## *Poeira*

*A poeira da tarde transpõe os passos caducos dessa hora vazia  
E cobre o antigo oratório de partículas ancestrais da estrada.  
Um bêbado aos baques dá boa tarde  
E um camarada pede um isqueiro emprestado.  
... As mocinhas sobem com as latas de zinco na cabeça.  
... Os meninos dão de beber ao gado.  
... O velho diz outro palavrão.  
... A caatinga sopra o pó das enxutas tardes de outrora  
No silêncio compenetrado e esquecido das velharias matutas  
Sepultadas no soluço íntrovertido e inconformado da lembrança.*



# *Seriguelas*

*As seriguelas ainda são roubadas nos galhos quebradiços e peraltas do poema.*

*Corridos pelo dono da terra vizinha,  
Os meninos disparam pelas ladeiras da infância  
Com os baldes cheios de frutinhas maduras,  
Competindo com os sabiás, os corrupiões e os galos-de-campina  
No meio-dia fagueiro e doce do inverno sertanejo  
Pulando as cercas da idade  
Pela estrada interminável da imaginação.*

## *Mais um poema*

*Mais um poema tenta alcançar a estrada vespertina dos tempos,  
Arrancando lágrimas da poeira da lembrança.*

*Uma calça em tiras*

*E uma velha camisa estampada*

*Aceleram a descida do rebanho na vereda da cacimba.*

*(Uma visagem brinca de assombração na infantilidade da  
oíticica ao pé do riacho).*

*... Longínquos e agudos*

*Os gritos peraltas matinais espantam a revoada buliçosa do  
arroz.*

*... E os passos ameninados do presente brincam de cabra-cega*

*No velho terreiro noturno da matuta memória.*



## Vaqueiro

O fantasma do velho vaqueiro abre a cancela da aurora  
Para tanger o pouco rebanho da saudade ladeira abaixo.  
Pela mesma garoa matutina de abril  
Ele desce os córregos da esperança invernosa  
Rumo ao pasto da memória  
Com o seu cipó enorme,  
Seu chapéu de abas longas e seu cigarro de palha  
Aboiando o tempo que se foi, mas que insiste em renascer  
No soluço saudosista da poesia roceira.

## Saudoso

*Este poema é feito de prosopopeias e simbologias catingueiras,  
De espessas juremas e velames retorcidos na solidão das grotas  
sertanejas.*

*Cheio de saudosismo e cheiroso a curral em manhã de inverno,  
Ele abraça todas as metáforas jecas,  
Acarícia o milharal no roçado da memória  
E corre livre pelo tabuleiro das asas inquietas,  
Carregando o sonho impossível da volta ao passado  
E personificando de ternura as portas do velho casebre  
Que só existe na distante ilusão da inspiração tardia.*



## Versos Rurais

*As minúcias do sertão na memória do terreiro e no eito das quebradas,*

*Também nas vísceras das sensações campesinas...*

*O itinerário da caatinga reencontrado em cada verso*

*De inspirações vindas dos galhos retorcidos e cinzentos das juremas na seca.*

*Os ossos das reses magras*

*Símbolizados e revividos na contemporaneidade,*

*Reconstruídos nas saudades e nos olhos cansados e úmidos*

*Dos idosos sobreviventes das histórias dos candeeiros velhos*

*E dos pobres asnos largados e escarnecidos à beira das estradas,*

*Esmagados imprudentemente pela ignorância motorizada.*

# Tangerino

*é mais um poema aguçador, de pesados e pensos caçuás de bananas nos lombos dos asnos*

*Nos passos penosos e indolentes a caminho da cidade*

*Entre antiquíssimos lamaçais e taperas dispersas*

*Pelas manhãs das neblinas memoráveis*

*E das portas consumidoras ao longo do caminho*

*Com as suas varandas de janelas ao sol nascente*

*Com hálitos cheirosos a café.*



## *Tangerino (II)*

*O açúcar e o café.*

*As bolachas e outras coisas que não ocorriam*

*Nas imensas lacunas da dieta capiau.*

*Os burros eram a esperada atração vespertina*

*Das espaçadas choças na tarde faminta,*

*Os burros e seu tangerino*

*Na tardinha dos terreiros impregnados de fome analfabeta*

*E dos sobejos saudosos e regateados dos centavos meeiros.*



## Meu Poema

Meu poema

Feito de veredas nas brenhas fechadíssimas

E de preás ligeiros nas grotas úmidas do inverno de neblinas

Às cinco horas da tarde.

Meu poema

Feito de janelas e portas com tramelas velhas de pau

Encerrando inseguramente, incipientemente a velha casinha do  
alto do curral

(Pobrinha, pobrinha!)

Abrigando toda a tradicional humildade da unida família  
tabaroa.

Meu poema jeca

Relinchando e se espojando nas palhas secas do milho feito

Como asno após um dia penoso de trabalho.

Meu poema moínho, urupemba, pilão...

Meu poema satisfeito com a safra da gleba

Que nem matuto de volta para casa após a lida na roça

Molhando os pés na riqueza confirmada e jorrada das pedras  
milagrosas e frias dos pés de serra.

*Meu poema, por fim, na fertilidade do solo escuro,  
No tiburungado da lata na cacimba e no coíce do gado leiteiro com  
todo o seu cheiro  
Tangido, quebradas abaixo nos abóios do vaqueiro  
Pela paisagem tortuosa e espinhosa do coração emaranhado da  
caatinga.*



## Biografia

Francisco Ednildo Andrade da Silva é natural de Brejo Santo-Ceará. Mora no município do Barro, no mesmo estado, terra que é a sua guarida desde seu nascimento aos 09 de abril de 1974. Seus pais Francisco Roberto da Silva e Corina Andrade da Silva. É escritor e poeta desde os 17 anos de idade e, licenciado em história pela Universidade Regional do Cariri-URCA. É autor de alguns livros: *TERRAL: AS PEGADAS DO POEMA NA CAATINGA* seu primeiro livro; *ENTRUDO*; *DO TERREIRO DA CHOUpana*; *REFLEXÕES DA INSÔNIA*; *ESQUINAS, AMORES E BOÊMIOS*; *OS BOÊMIOS E A MUSA MADRUGADA*; *INSPIRAÇÕES DO PÉ DA SERRA*; *A GLEBA LÍRICA*; *SESSENTA SONETOS SOBRE JESUS DE NAZARÉ*. A grande maioria de suas obras está aguardando publicação.

CONTATO: (0XX) 88 996095370 - EDNILDO ANDRADE  
ednildoandradebarado@gmail.com

# HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva  
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heróico o brado retumbante,  
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,  
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade  
Conseguimos conquistar com braço forte,  
Em teu seio, ó Liberdade,  
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido  
De amor e de esperança à terra desce,  
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,  
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,  
És belo, és forte, impávido colosso,  
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,  
Ao som do mar e à luz do céu profundo,  
Fulguras, ó Brasil, florão da América,  
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;  
“Nossos bosques têm mais vida”,  
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo  
O lábaro que ostentas estrelado,  
E diga o verde-louro desta flâmula  
– Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,  
Verás que um filho teu não foge à luta,  
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

# HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Música de Alberto Nepomuceno

Letra de Tomás Lopes

Terra do sol, do amor, terra da luz!  
Soa o clarim que tua glória conta!  
Terra, o teu nome e a fama aos céus remonta  
Em clarão que seduz!  
Nome que brilha – esplêndido luzeiro  
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!  
Chuvas de prata rolem das estrelas...  
E despertando, deslumbrada, ao vê-.las  
Ressoa a voz dos ninhos...  
Há de florar nas rosas e nos cravos  
Rubros o sangue ardente dos escravos.

Seja teu verbo a voz do coração,  
verbo de paz e amor do Sul ao Norte!  
Ruja teu peito em luta contra a morte,  
Acordando a amplidão.  
Peito que deu alívio a quem sofria  
e foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!  
Vento feliz conduza a vela ousada!  
Que importa que no seu barco seja um nada  
Na vastidão do oceano,  
Se à proa vão heróis e marinheiros  
E vão no peito corações guerreiros!

Sim, nós te amamos, em aventuras e mágoas!  
Porque esse chão que embebe a água dos rios  
Há de florar em meses, nos estios  
E bosques, pelas águas!  
selvas e rios, serras e florestas  
Brotem no solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal  
sobre as revoltas águas dos teus mares!  
E desfraldado diga aos céus e aos mares  
A vitória imortal!  
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,  
E foi na paz da cor das hóstias brancas!

## **Mesa Diretora 2017-2018**

**Deputado José Albuquerque**  
Presidente

**Deputado Tin Gomes**  
1º Vice-Presidente

**Deputado Manoel Duca**  
2º Vice-Presidente

**Deputado Audic Mota**  
1º Secretário

**Deputado João Jaime**  
2º Secretário

**Deputado Júlio César Filho**  
3º Secretário

**Deputada Augusta Brito**  
4ª Secretária



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

**INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O  
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ**

**Inesp**

**Thiago Campêlo Nogueira**

Presidente

**Gráfica do Inesp**

**Ernandes do Carmo**

Coordenador

**Cleomarcio Alves (Marcio), Francisco de Moura,**

**Hadson França e João Alfredo**

Equipe Gráfica

**Aurenir Lopes e Tiago Casal**

Equipe de Produção Braille

**Carol Molfese e Mário Giffoni**

Equipe de Diagramação

**José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)**

Equipe de Design Gráfico

**Lúcia Maria Jacó Rocha e Vânia Monteiro Soares Rios**

Equipe de Revisão

**Site:** [www.al.ce.gov.br/inesp](http://www.al.ce.gov.br/inesp)

**E-mail:** [inesp@al.ce.gov.br](mailto:inesp@al.ce.gov.br)

**Fone:** (85) 3277-3701

**Fax:** (85) 3277-3707



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Av. Desembargador Moreira 2807,

Dionísio Torres, CEP 60170-900, Fortaleza, Ceará,

Site: [www.al.ce.gov.br](http://www.al.ce.gov.br)

Fone: (85) 3277-2500